

A tecnologia e a comunicação em sociedade sob o viés da hermenêutica de Gadamer e suas consequências para o diálogo

Technology and communication in society under the bias of Gadamer's hermeneutics and its consequences for dialogue

Marcela Fossati Otero
Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS)
marcela.otero3@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/5125638469869307>

Resumo

O presente artigo tem como objetivo trazer uma visão gadameriana do diálogo num contexto da utilização da tecnologia e sob a perspectiva da ética hermenêutica, buscando fornecer ao leitor uma análise que irá estimulá-lo a refletir sobre o assunto. A tecnologia influenciou o diálogo provocando uma incapacidade para este. Essa incapacidade não é natural para o homem, não é iminente, mas artificial ou culturalmente criada, o que significa que ela pode ser revertida para dar origem à capacidade dialógica adequada. Mas essa incapacidade para o diálogo, como resultado de uma cultura desfigurante, sendo a educação monológica um dos seus principais aspectos, é também uma deficiência hermenêutica (de interpretação): a má interpretação do outro (e, provavelmente, de si mesmo). Assim, a análise do diálogo em hermenêutica inevitavelmente leva à consideração de quais sejam os problemas de interpretação que ocorrem na interação aparentemente comunicativa, mas que, na verdade, não é; a incapacidade de interpretação do outro é tanto psicológica quanto ética.

Palavras-chave

Hermenêutica; Tecnologia; Diálogo.

Abstract

This article aims to bring a Gadamerian view of the dialogue in a context of the use of technology and from the perspective of hermeneutic ethics, seeking to provide the reader with an analysis that will stimulate him to reflect on the subject. The methodology adopted was bibliographical with a qualitative approach. Technology has influenced dialogue, causing it to be incapable of doing so. This inability is not natural to man, not imminent, but artificially or culturally created, which means that it can be described, to give rise to adequate dialogical capacity; That is, communicative competence. But this inability to dialogue, as a result of a disfiguring culture, education being one of its main aspects, is also a hermeneutic (interpretation) deficiency: misinterpretation of the other (and probably of itself). Thus the analysis of dialogue in hermeneutics inevitably leads one to consider the problems of interpretation which occur in apparently communicative interaction, but in fact it is not; The inability to interpret the other is both psychological and ethical.

Keywords

Hermeneutics; Technology; Dialogue.

1. Introdução

Ninguém pode viver isoladamente. O ser humano é um ser social e precisa interagir com seus semelhantes. E essa interação se tornaria impossível sem comunicação. Comunicar é transmitir uma mensagem, um pensamento, uma ideia, uma experiência. Entretanto, para que haja, de fato,

comunicação, é preciso que haja o compartilhamento da simbologia, é preciso que se compartilhe a linguagem.

A linguagem, conforme a hermenêutica de Gadamer pertence ao diálogo, isto é, a linguagem não é proposição e julgamento, mas apenas pergunta e resposta – resposta e pergunta. O diálogo é um fenômeno essencial à espécie humana, que é provavelmente a única capaz de dialogar. Além disso, não há possibilidade de funcionamento da sociedade sem diálogo.

Embora certamente haja situações que se desenvolvem perfeitamente sem diálogo e nas quais a sua presença seja inapropriada, é verdade que sem o diálogo na interação da vida cotidiana, a convivência não seria possível. No entanto, apesar dos progressos realizados na compreensão do fenômeno a partir de diferentes ângulos disciplinares, as mudanças tecnológicas têm prejudicado a sua realização. As pessoas encontram-se cada vez menos dispostas a interagirem espontaneamente, mantendo conversações cada vez mais programadas e realizadas por celulares, em especial por redes sociais, a partir de aplicativos de envio de mensagens de texto, como o Whatsapp, por exemplo.

Tais formas de comunicação acabam empobrecendo as trocas que seriam possíveis por meio do verdadeiro diálogo, suprimindo elementos essenciais, como a experiência e a observação do outro, o que levou ao estabelecimento do problema norteador da pesquisa: o desenvolvimento da tecnologia e das comunicações tem influenciado um estado de incapacidade para o diálogo sob a perspectiva da hermenêutica de Gadamer?

A partir dessa situação, o presente trabalho tem como objetivo trazer uma visão gadameriana do diálogo num contexto da utilização da tecnologia e sob a perspectiva da ética hermenêutica, buscando fornecer ao leitor uma análise que irá estimulá-lo a refletir sobre o assunto, sem qualquer pretensão de exaustividade. O trabalho é viável ao poder ser embasado pelas teorias filosóficas de Gadamer, entrelaçadas aos acontecimentos contemporâneo, os quais bem ilustram sua preocupação com a precarização da vivência e da comunicação cotidiana.

Assim, o estudo se faz oportuno por iniciar-se num período em que as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – TICs mostram grande representatividade, e as pessoas mostram-se empáticas à adoção de formas afastadas alternativas de conversação. A contribuição do trabalho se dá na disponibilização de estudo que une análises que não se encontram disponíveis em conjunto com muita facilidade, por ainda ser incipiente.

O presente trabalho estará dividido em três seções principais, além da metodologia e da presente introdução. Inicialmente, será abordada a hermenêutica de Gadamer, passando pela importância dada à linguagem e à experiência, partindo-se para compreensão do diálogo e, por fim, analisando a incapacidade para com ele dentro do contexto da tecnologia contemporânea e, em especial, do uso do Whatsapp.

2 Hermenêutica de Gadamer

A hermenêutica do século XX firma-se no pensamento de Hans-Georg Gadamer, filósofo alemão, que nasceu no ano de 1900 e morreu em 2002. O contexto em que se desenvolveu abarcava, no seio familiar, uma situação problemática, em que, com a morte de sua mãe e internamento do seu irmão, convivia com a intolerância paterna à filosofia e às artes, enquanto via a sociedade alcançar avanços significativos na tecnologia, como o surgimento da eletricidade e do telefone, e o caos da primeira guerra mundial com a derrota alemã (ROHDEN, s/d).

A proposta filosófica gadameriana não se constituiu na destruição da validade do método científico, mas em justificar que, ao filosofar, é mais própria a arte de dialogar que a técnica de dissecar temas e problemas (GACKI apud ARAUJO *et al.*, 2012, p. 1). O reconhecimento da necessidade de uma religação do sentido e da verdade com acesso imediato ao mundo e à vida

com a experiência humana é um dos pilares centrais permanentes no pensamento de Gadamer. Segundo Gadamer (1999), o processo da experiência, quando verdadeiro, é essencialmente negativo e, por isso, não pode ser considerado como apenas para formulações de generalidades específicas. A experiência muda o saber do homem, e, em um sentido exato, não se pode realizar duas vezes a mesma experiência.

A verdadeira experiência é aquela na qual o homem retorna consciente de sua finitude. É pura ficção a ideia de que se pode dar marcha à ré a tudo, de que há sempre tempo para tudo, e de que, de um modo ou de outro, tudo retorna. Quem está e atua na história vivencia constantemente a experiência de que nada retorna. A verdadeira experiência é assim: a experiência da própria historicidade (Gadamer, 1999, p. 326). A experiência hermenêutica encontra-se intrinsecamente ligada à tradição. A compreensão da tradição baseia-se em um entendimento como “um conteúdo de sentido”, isto é, numa compreensão desvinculada da manifestação e opinião do eu e tu e ligada à historicidade do próprio indivíduo. Todavia, o comportamento do tu em relação ao sentido da experiência contribui para a análise hermenêutica, pois a tradição é também uma ferramenta de comunicação a qual estamos diretamente relacionados, assim como o eu e tu também estão (Gadamer, 1999).

A experiência hermenêutica tem a ver com a tradição. É esta que deve chegar à experiência. Todavia, a tradição não é simplesmente um acontecer que se pode conhecer e dominar pela experiência, mas é linguagem, isto é, fala por si mesma (Gadamer, 1999, p. 528). Para Gadamer (1999), a linguagem desempenha essencial importância à natureza do ser. Além disso, o vínculo estabelecido entre a linguagem e o ser não está preso em cada um, mas a sua dimensão se estende a uma ontologia linguística. Esse é o motivo pelo qual a hermenêutica centra a sua atenção no que está sendo-nos revelado, descoberto e nos dá a oportunidade de compreender, interpretar e conviver com ele. A linguagem não pode ser reduzida a um instrumento ou meio de comunicação, mas, conforme Gadamer (1999), a personificação fundamental de ser-no-mundo, conceito que compartilha de Heidegger. O ser humano é linguagem e, nesse modo de ser, se realiza. No lugar onde se vive e partilha o próprio mundo, não há circunstâncias ou momentos em que a linguagem não envolva o homem. Nela, o eu e o mundo aparecem em sua unidade original.

Nesse sentido, Aristóteles (apud Gadamer, 1999) sustenta que o homem é essencialmente um ser vivo dotado de *logos* (pensamento-palavra) com o qual diferencia-se dos outros animais que não podem conceituar seu mundo ou se comunicar por meio da fala. Animais não racionais são determinados e limitados na sua forma de expressão e de relacionamento com os animais da mesma espécie, buscando o que gostam e distanciando-se do que lhes prejudica. Sua relação com o meio ambiente é determinada. Mas, para o homem, a linguagem é a sua casa. Gadamer (1999) comenta que a linguagem é, assim, o verdadeiro centro dos seres humanos, quando vistos no contexto que só ele preenche: “o campo da sociedade humana, o alcance do entendimento, do consenso sempre maior de que é tão essencial para a vida humana como o ar que respiramos”.

O ambiente, para os homens, abre a possibilidade de liberdade. Visto dessa perspectiva, sem dúvida, a projeção da linguagem não só torna explícita as suas pretensões de universalidade, mas, e talvez principalmente, sua dimensão ética. No diálogo se vive, se entende e torna-se possível o de consenso em favor da vida. O maior impacto ético do diálogo permite que o homem se desenvolva plenamente como ser social. Nele não há espaço para o individualismo. A linguagem, como se pode ver, é um modo de vida que tem seu autêntico ser no diálogo, no exercício da compreensão mútua. Todas as formas de comunidade da vida humana são formas de comunidade linguística, e ainda mais, fazem linguagem, pois a linguagem é essencialmente a linguagem do diálogo.

Sem vida em comunidade, sem conversa, sem compreensão, não há linguagem. As formas artificiais de entendimento não são linguagem, porque elas não são formas de vida, razão pela qual elas podem ser consideradas apenas como instrumentos de entendimento comum (Silva, 2014). Dentro dessas formas de entendimento artificial bem caberiam todas as expressões da racionalidade instrumental 'intrinsecas' no campo da comunicação humana, que buscam alcançar os propósitos determinados, no entanto, podem ser reconhecidos como formas constitutivas da vida humana, em que é substancialmente uma forma de vida partilhada.

Na relação linguagem-objeto, própria da objetivação científica, descobre-se apenas uma das muitas relatividades que abrangem a relação linguagem-mundo, mas de modo algum pode ser totalizante e absoluta. Na experiência linguística do mundo, falar não significa tornar as coisas disponíveis e calculáveis, mas estabelecer uma relação vital com elas, ou seja, promover uma experiência humana do mundo, que é chamada "experiência hermenêutica do mundo" (Bonfim, 2010). Assim, o mundo da experiência, da vivência, da interioridade não pode estar preso dentro do campo do conhecimento- sensível-empírico, fonte única da verdade objetiva.

O modo de conceber o mundo marca o caminho de comportamento para com ele. Pensar o mundo como uma imensa fábrica de recursos nos levará, infalivelmente, à exploração e à exaustão. Seguir esse comportamento também põe em perigo a condição humana vital. Apenas com uma genuína recuperação do ser linguístico em relação com o mundo, se pode assumir uma tarefa de responsabilidade planetária, tarefa plenamente humana. Nesse horizonte da experiência hermenêutica se evidencia a importância que Gadamer dá à linguagem que escapa a toda instrumentalização. O homem é, em si mesmo, linguagem em-relação-com. A linguagem é o lugar de diálogo e convívio. A dificuldade de entender a compreensão da linguagem, nesses termos, contém duas alternativas: por um lado, ela permite confusão e mal-entendidos, mas, por outro lado, também abre a possibilidade de superá-la, porque a linguagem é o diálogo. A linguagem não pode ficar presa nas redes do engano, da ideologia, da objetificação, do monólogo, do mal-entendido. Por isso, de acordo com Gadamer (1999), é preciso buscar a palavra e se pode encontrar a palavra que alcance o outro, se pode, inclusive, aprender a língua estrangeira do outro. Tudo isso pode tornar a linguagem como uma linguagem que fala não só do uso adequado dos termos para conseguir um bom entendimento, mas da possibilidade inerente à linguagem de chegar ao outro. Alcançar o outro demanda sair de si mesmo, pensando no outro e sobre si mesmo como um outro, termos próprios do diálogo e do convívio.

Uma vez estabelecido que a linguagem não possa ocupar simplesmente um papel instrumental, resulta que, em matéria de hermenêutica, a linguagem é a nossa maneira de experimentar o mundo. Diante disso, se quer dizer que o homem experimenta o mundo, o compartilha, se relaciona com ele e o expressa. Então, Gadamer diz que a forma linguística e o conteúdo transmitido não pode ser separado na experiência hermenêutica (Silva, 2014). Compreender o mundo é se ver refletido nele, daí o sentido do mundo de cada um e sua língua estarem integrados, os quais manifestam o modo plenamente humano de se relacionar com o mundo. Conforme Gadamer (1999), toda fala humana é finita no sentido de que nela reside a infinidade de sentido de implementar e interpretar. Por isso também o fenômeno hermenêutico não pode ser ilustrado senão a partir dessa constituição fundamentalmente finita do ser, que, desde a sua fundação, é construído linguisticamente.

A hermenêutica de Gadamer considera a linguagem como uma realidade carregada de um significado ontológico, pois o ser acontece na linguagem como verdade, como a divulgação de sentido que não é essencialmente diferente para diferentes representações finitas em que tem acesso à subjetividade humana. Gadamer segue Heidegger em sua caracterização da verdade como *aletheia*, desencobrimento do ser, e partilha totalmente sua crítica ao domínio do logos na tradição filosófica ocidental. Mas a saída desse domínio tem, em Gadamer (1999), uma nova

viragem no que diz respeito a Heidegger por não apontar apenas para a iluminação do tratamento prático dos homens com as coisas do mundo do dia a dia, mas, acima de tudo, lembrar que cada declaração surge de um contexto dialógico a partir do qual só pode extrair o seu significado. Gadamer argumenta que a linguagem só executa o seu verdadeiro ser no diálogo, no exercício da compreensão mútua, por meio do qual podem ser abordados e resolvidos mal-entendidos.

De acordo com Gadamer, graças à linguagem, o fenômeno hermenêutico adquire um âmbito universal: não apenas os fenômenos histórico-espirituais, mas tudo o que pode ser entendido é, em princípio, compreensível, precisamente porque pode ser articulado linguisticamente (embora, na verdade, ele não seja). Sem a possibilidade de representação linguística, seria inútil fingir que realmente entendeu alguma coisa, e não há nada sobre o qual ninguém possa dizer algo de significativo. Sem palavras para expressar, o entendimento é truncado. Esse é o sentido da afirmação, muitas vezes incompreendida, segundo a qual o “ser que pode ser compreendido é linguagem” (Gadamer, 1999).

Mas, ao mesmo tempo, na verdade, as palavras que efetivamente pronunciamos não conseguem expressar adequadamente o que temos em mente. Gadamer reflete a doutrina agostiniana do verbo interior para explicar, entre outras coisas, onde a necessidade de filosofar nasce. Porque as palavras não podem dar conta de tudo o que se entende quando algo é compreendido e tudo o que é dito quando algo é dito, pois elas sempre ficam aquém e chamam a continuar procurando mais palavras, a fim de desenvolver a compreensão, dizer, interpretar, e, finalmente, fazer a filosofia. Nós não filosofamos porque estamos na posse da verdade absoluta, mas precisamente porque não a possuímos.

2.1 A importância do diálogo

Um dos aspectos substanciais, talvez o mais importante, da hermenêutica de Gadamer é o diálogo. O verdadeiro diálogo tem a sua própria vontade, que não é dependente da intenção de dialogar dos indivíduos. O diálogo real não conhece previamente sua finalização, viaja caminhos desconhecidos; no entanto, uma conversa determinada pela intenção de dialogar sabe para onde está indo e espera chegar a um fim predefinido. O diálogo se desenvolve por meio de perguntas e respostas, argumentação em paralelo, entrando na busca comum de significado e pretendendo chegar a um acordo.

Como dito, uma característica do verdadeiro diálogo está em deixar-se envolver por ele. É ele quem guia. Outro atributo do diálogo autêntico é a vontade de dizer alguma coisa; o emissor e o receptor não são suficientes, pois sobre eles está a vontade de “conversar”, ou seja, abrir-se à escuta do outro, por isso é diálogo (Gadamer, 1999). Prova disso é o que acontece na conversação diária: quando trocados pensamentos, preocupações e dúvidas, sem reservas e enganos. Essa forma de diálogo tem a ver com a verdade. Gadamer (2002) questiona o que o que está realmente proposto quando se deixa dizer algo? É claro que a condição suprema para isso está em não saber tudo melhor e ser capaz de questionar o que se acredita saber. De fato, a possibilidade do diálogo repousa sobre o jogo de imergir mutuamente em perguntas e respostas.

Nessa dinâmica do diálogo, não se aceitam respostas definitivas, porque cada uma delas levanta novas questões, o que é chamado de caráter hermenêutico do falar. “O diálogo (Gespräch) hermenêutico acontece na relação entre parceiros, e não entre espectadores passivos ou interlocutores indiferentes” (Rohden, 2004, p. 194). A hermenêutica do diálogo não tira conclusões finais, mas provisórias. Na troca de palavras, ambos os dialogantes são enriquecidos. O jogo do diálogo é envolto por um sentido ético: de abertura, de enriquecimento, da pesquisa comum e uma ação solidária (Gadamer, 2002).

Deve-se reconhecer que o diálogo encontra sua realização na ação humana (*praxis*) e é considerado autêntico quando não coage ou gera injustiças em relação ao outro. A imposição da própria razão, em vez de ouvir as razões do outro, é uma forma de injustiça. O verdadeiro diálogo não exige desistir de suas convicções ou da própria verdade, mas requer abertura para uma verdade mais convincente, o risco de que esta não seja a minha, mas a do outro (Silva, 2014).

O processo dialógico não encontra o seu cumprimento no entendimento comum em um nível intelectual, mas em aplicações práticas que possam ser resolvidas a nível comunitário, quando se visa o bem comum. Assim, o diálogo e o consenso têm implicações éticas e sociais, pois privilegiam o aspecto comunitário sobre o nível individual. Gadamer (2002) entende que o grau em que o outro entende o que quero dizer aparece na sua versão. O compreendido passa, assim, desde a indeterminação de significado a uma nova determinação, que permite o entendimento ou desentendimento. Esse é o verdadeiro processo de diálogo. O conteúdo se articula culminando num bem comum.

O outro aspecto importante do diálogo que o autor refere é que o entendimento não é imposto, tendo em conta apenas o “verdadeiro entendimento”, que também é aberto a possibilidade de mal-entendido. O diálogo, para Gadamer (1999), não é uma atitude ou muito menos um instrumento. Sua natureza está na nossa natureza: somos essencialmente diálogo. O diálogo diário é também um exemplo claro desse procedimento habitual, em que cada orador quer afirmar suas próprias razões e fundamentar a sua verdade em suas convicções, mas sem intenção de enganar. No entanto, apesar de tudo, essa disposição deve igualmente ser objeto de busca e julgamento da melhor razão.

A importância repetida atribuída ao diálogo, por Gadamer, não a isenta de críticas, mas a substância da crítica não consiste em tolerá-la, mas permiti-la e reforçá-la. Assim, qualquer reflexão sobre uma problemática situação social deve ser apoiada por um dispositivo dialógico em que a possibilidade de crítica se combine à alegação de consenso. Na vida social, o diálogo é convivência e se interrelaciona a atitudes culturais, religiosas, ideológicas e políticas levando ao reconhecimento intersubjetivo e a capacidade de consenso. Somente lutas ideológicas são excludentes, elas não acomodam o consenso. Para Gadamer (2002), é a *phronesis*, a sabedoria prática, que tem desempenhado um papel fundamental na luta de ideologias. *Phronesis* também é diálogo, assim, diálogo e ética são aproximados.

2.2 Tecnologia, comunicação e suas consequências no diálogo

As Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTICs) criaram uma tendência de interconectar o mundo por meio de redes globais de comunicação que impulsionam a globalização e possibilitam interação mútua entre tudo e todos. As inovações tecnológicas que permitiram a realização dessas redes globais, assim como a sua disseminação, foram conduzidas pelo mercado. Tais NTICs desempenham um papel fundamental, atuando principalmente a partir do lançamento de computadores e celulares cada vez mais inteligentes e potentes, atribuindo autonomia na realização das atividades e até mesmo quanto às relações sociais (Souza, 2016).

A proximidade e troca comunicacional com pessoas fisicamente próximas não atraem tanto quanto as interações por meio das ferramentas tecnológicas na sociedade contemporânea, que incluem e-mail, redes sociais e mecanismos de mensagens instantâneas, que também representam uma grande redução de custos quando comparados com os meios mais tradicionais de comunicação, como a ligação telefônica tradicional. Trata-se de uma revolução da forma de se comunicar e de se posicionar diante do outro, sendo uma escolha das pessoas.

É certo que a comunicação engloba a passagem de informação entre pessoas que partilham uma simbologia. Considera-se, ainda, que o homem, a todo momento, está entrando em contrato com outro e, portanto, se comunicando. Daí a impossibilidade para o ser humano de não se comunicar. Contudo, a própria palavra “comunicação” deriva de “ação comum”, que induz ao caráter participativo da atividade. Assim, a comunicação envolve não apenas a troca de mensagens intencionais, mas também a interação social espontânea (Sousa, 2006).

Entretanto, seria a conversação na esfera virtual, ainda que por mensagem instantânea, como o Whatsapp, um verdadeiro diálogo? Conforme visto em Gadamer (1999), o diálogo pressupõe a interação espontânea, assim como a própria experiência, e isso envolve elementos que vão além da palavra, a interpretação do outro como um todo. Essa interação puramente virtual afetaria, sob a perspectiva hermenêutica, o diálogo autêntico, pois este deixa de ocorrer em interações físicas para ocorrer em uma esfera virtual, na qual a comunicação é limitada por não permitir abertamente a espontaneidade e a interpretação do outro como um todo.

Conforme Gadamer (2002), a afirmação de uma incapacidade para o diálogo no outro baseia-se em reconhecer sua própria incapacidade para o diálogo no eu. E essa incapacidade não é natural para o homem, não é iminente, mas artificial ou culturalmente criada, o que significa que ela pode ser revertida para dar origem à capacidade dialógica adequada. Mas essa incapacidade de diálogo, como resultado de uma cultura desfigurante, sendo a educação monológica um dos seus principais aspectos, é também uma deficiência hermenêutica (de interpretação): a má interpretação do outro (e provavelmente de si mesmo). Assim, a análise do diálogo em hermenêutica inevitavelmente leva à consideração de quais sejam os problemas de interpretação que ocorrem na interação aparentemente comunicativa, mas, na verdade, não é; a incapacidade de interpretação do outro é tanto psicológica quanto ética.

Então, o estágio atual mostra-se como uma tendência a redução do diálogo? De acordo com os estudos de Gadamer (2002) sobre a influência tecnológica no diálogo, esta seria precisamente uma situação de diminuição do diálogo, o que o autor chama de *incapacidade para o diálogo*. É certo que tal incapacidade é muito mais complexa, mas tem grande influência dos novos costumes modernos e tecnológicos. A predisposição a ouvir o outro é fundamental para o estabelecimento do diálogo, e essa predisposição é reduzida com os costumes de uma postagem passiva, em que o homem simplesmente afirma as suas opiniões e não permite um retorno adequado do outro, pois não está frente a frente. Nesse mundo virtual, o importante é prioritariamente falar e não compreender.

Expressa Gadamer (2002) que a forma dialógica é a autêntica forma de experiência hermenêutica, em que o outro não é considerado nem como uma alteridade extrema ou radical, nem como um objeto, mas como algo que é firmado por si mesmo. O conhecer é construído por meio do diálogo (com a história, com a experiência, com o texto, ou com o outro), e é marcado pelas circunstâncias históricas do conhecedor. Também se faz uma analogia entre o diálogo e a tradição, não entendida apenas como um acontecimento ou sequência objetiva de eventos, mas como um tipo de linguagem que fala por si, por meio de outro, fala de si mesmo como se fosse um outro (Gadamer, 2002). É por isso que, segundo Gadamer (2002), a arte do diálogo pode estar desaparecendo na sociedade. Ele estabelece esse questionamento, assim como se pergunta se os elementos na sociedade moderna – como ele mesmo insere o telefone como uma das causas para a incapacidade de dialogar – levam as pessoas a se tornarem incapazes de dialogar. Assim, é natural que Gadamer critique o monólogo ou a estrutura dialógica do mundo moderno, que, afinal, é tão típica das mensagens de texto instantâneas, como ocorridos por meio do Whatsapp, construído sobre uma estrutura similar da ciência, um mundo objetivo e cognoscível, independente do mundo social: a visão monológica da verdade é ilusória, e só a verdade dialógica é que pode ser chamada de verdade.

Enfatiza-se que os seres humanos são sociais por natureza, sendo incapazes de viver sem se comunicar com o outro. A necessidade de diálogo com outro ser humano pode dizer que é quase igual a uma necessidade fisiológica, como comer, beber água etc. Contudo, conforme Gadamer (2002), é a tecnologia moderna que se faz obstáculo à condução de um diálogo. O telefone, além de ser uma invenção que revolucionou a forma como comunicamos de forma positiva, também teve seu impacto negativo, reduzindo proporcionalmente a capacidade dos seres humanos de executar um diálogo correto. O telefone fixo, no momento, é algo meramente vago desde o advento dos telefones celulares e, em especial, dos smartphones. A invenção do telefone móvel revolucionou totalmente o modo de vida da população, de tal forma que esse dispositivo tornou-se um órgão fantasma que dificilmente pode ser extraído de cada um.

As redes sociais são as grandes vilãs, nesse sentido, pois tornaram-se um grande atrativo para as pessoas e podem ser acessadas pelos celulares, os aparelhos smartphones. É preciso compreender que as relações sociais podem ganhar uma perspectiva diferente conforme é vista ou sob o prisma de comunidade ou sob o prisma de rede. A comunidade forma uma construção coletiva que distingue seus membros de outros, entretanto, como defende Bauman (2016), a comunidade precede o indivíduo, o que a torna essencialmente diferente da rede. A rede é criada a partir do indivíduo, ele decide a quem quer se ligar ou desligar, pois, de acordo com Bauman, a rede funciona a partir das atividades de conexão e de desconexão, sendo que o que mais atrai o indivíduo pós-moderno nessas relações não é a rapidez com a qual se pode conectar com as outras pessoas, mas a praticidade com que se pode desconectar delas, desfazer relações sem a cobrança social, a necessidade de justificativa, o que remete à reflexão sobre um processo de desumanização das relações, as quais se tornam superficiais.

O Whatsapp é uma das principais redes utilizadas pelas pessoas para conversas com conhecidos, conforme expressam Souza *et al.* (2016), funcionando a partir dos telefones celulares. Mas dentre as funcionalidades do aplicativo, encontra-se a possibilidade de escrever e só mais tarde receber a resposta, de modo que se pode forjar uma ausência, bloquear um contato. A espontaneidade e o interesse mútuo que deve compor o diálogo verdadeiro tornam-se comprometidos. Evidenciam-se nuances de relações superficiais e que incentivam a falta de reflexão sobre si próprio e suas ideias, já que há uma reduzida tolerância ao que se opõe, visto que a discordância é resolvida com banimentos. Ao contrário do que se espera no diálogo, em que os indivíduos devem se arriscar a não ter razão, no Whatsapp e em outras redes sociais ter a sua ideia rechaçada é o que se busca, daí também a precarização cada vez maior de comunicação com aqueles que estão próximos, a quem não se pode banir quando há discordância.

Desse modo, o diálogo tem recebido uma influência negativa da evolução tecnológica, aumentando o individualismo e reduzindo a capacidade do diálogo. O diálogo não se esgota em traçar um sentido em que se pode concordar, com a intenção de confirmar o que já sabemos, mas no princípio do ser dizer alguma coisa. O diálogo não é um discurso persuasivo, já que quem tenta persuadir supõe estar certo. O diálogo é um discurso de reconhecimento da diferença na busca de um acordo comum. A partir dessa perspectiva, chega-se a uma conclusão importante: não se trata apenas do discurso, mas de um processo, uma prática que nos aproxima do bem comum.

3. Conclusão

A partir da experiência social, das interações com os grupos, principalmente com a família, e da assunção de papéis, o indivíduo vai formando a sua identidade, refletindo nela sempre o que é emitido sobre ela pela sociedade. E ao mesmo tempo em que é influenciado por esse grupo, se constitui parte fundamental dele, já que a cultura que impera no grupo é aceita e compartilhada

pelos membros. Nesse sentido, torna-se preocupante que as experiências do diálogo estejam sendo reduzidas na sociedade atual.

É certo que, para a hermenêutica de Gadamer, a única chance que os seres humanos têm de se compreender é a linguagem. Isso não significa que só se pode compreender com quem se fala, mas a relação de entendimento é feita com tudo o que fala, seja este sujeito um ser humano ou um texto. É chegar ao outro linguisticamente. Trata-se de abrir o horizonte de compreensão sobre tudo o que nos é falado. É dentro desse contexto que faz sentido a expressão de Heidegger 'a linguagem fala'. Linguagem é diálogo, compreensão, reunião, inter-relação. Na medida em que se reconhece que há uma incapacidade para o diálogo, reconhece-se também a perda da dimensão humana na comunicação e a precariedade das interações.

A responsabilidade no diálogo exige abertura ética por ambos os participantes por duas razões fundamentais: em primeiro lugar, não se deixar influenciar por preconceitos próprios que impedem o desenvolvimento do diálogo e da compreensão de ambos; e, em segundo lugar, não guiar a conversa para o fim precedido por um dos participantes, não envolver sua própria pretensão de querer conhecer melhor o outro do que ele próprio. Para dialogar é preciso agir eticamente, dando a abertura necessária para o outro dizer o que tem a dizer e ainda aceitar que o outro pode ter razão com o que diz. Em um diálogo é necessário que se perceba o outro como um indivíduo histórico, que possui seus próprios fins e historicidade. Para isso, é necessário que haja uma abertura em que o ser esteja disposto a se arriscar falando o que pensa e ouvindo o argumento que o outro lhe apresenta. O diálogo envolve um risco que, no entanto, devemos assumir constantemente para expansão de nosso próprio horizonte.

Esse risco não ocorre com as conversações por meio virtual. Aplicativos como o Whatsapp contribuem para essa redução da capacidade de dialogar, já que podemos articular respostas com muito mais tempo, bloqueamos quem não queremos ouvir e, assim, perdemos a espontaneidade do diálogo. Atualmente, um celular cumpre quase as mesmas funções que um computador, desse modo, temos o poder de banir o que não nos interessa, de ouvir apenas o que queremos ouvir, sem levar em consideração o outro que ali se apresenta.

Assim, a forma de realização fundamental da linguagem é o diálogo e a ética. Essa ligação faz-se essencial e, apesar de Gadamer (1999) não falar explicitamente sobre ela, é possível percebê-la na hermenêutica dialógica. É por meio do diálogo que os homens entendem-se uns aos outros, convivem e são capazes de chegar a um consenso em favor da vida. O diálogo é eminentemente um dispositivo ético para a sua abertura à alteridade, que abre a possibilidade de que o outro tenha razão. Desse modo, a língua assume uma solidariedade e responsabilidade na conotação essencialmente social, que não deixa espaço para o monólogo. Sem vida em comunidade, sem a devida interpretação, compreensão, não de forma artificial, mas vivencial, não há abertura para a ética e para o diálogo dentro da comunidade.

Referências

ARAUJO, J. L.; PAZ, E. P. A.; MOREIRA, T. M. M. Hermenêutica e saúde: reflexões sobre o pensamento de Hans-Georg Gadamer. *Revista da escola de enfermagem*, v. 46, n. 1, p. 200-207, 2012.

BAUMAN, Z. Sobre os laços humanos, redes sociais, liberdade e segurança. *Fronteiras do pensamento*, 2012. Acessível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=LcHTeDNIarU>>.

BONFIM, V. Gadamer e a experiência hermenêutica. *Revista CEJ*, Ano XIV, n. 49, p. 76-82, 2010.

GADAMER, H.-G. *Verdade e Método: Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica*. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Verdade e Método II: Complementos e índice*. Petrópolis: Vozes, 2002.

ROHDEN, L. Hermenêutica filosófica: uma configuração entre a amizade aristotélica e a dialética dialógica. *Síntese*, v. 31, n. 100, p. 191-212, 2004.

_____. *Hans-Georg Gadamer, o Sócrates contemporâneo*. São Leopoldo: Unisinos, s/d.

SILVA, C. S. *As interfaces entre a filosofia da tecnologia e a filosofia da educação: as possibilidades atuais do conceito de formação*. 2014. Tese (Doutorado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Universidade de Santiago de Compostela, Santiago, 2014.

SOUZA, L.; FREITAS, C.; SANTOS, J. Whatsapp – inimigo ou aliado na educação: um estudo de caso sob a ótica dos discentes. *Anais... 22º Congresso Brasileiro de Educação a Distância – ABED*, São Paulo, 2016.

SOUSA, G. M. S. F. Comunicação Institucional, Imagem Corporativa e Identidade Corporativa: A inter-relação das categorias. *Revista Cambiassu*, v. 16, n. 2, 2006.

Submissão (1ª versão): 12-09-2017

Aceito para publicação: 24-03-2018